

## História e cinema em videocassete: reflexões em torno de uma experiência didática

André de Faria Pereira Neto

Departamento de Estudos Sociais, Universidade Santa Úrsula

**Abstract.** *History and cinema in videocassette: reflections about a didactical experience.* In this essay we introduce, in a short shape, a methodological proposal about the utilization of the cinema in videocassette as a didactical instrument in history teaching. We also assemble some questions about the introduction of this new didactical resource in education.

**Resumo.** Neste ensaio apresentamos, de forma sintética, uma proposta metodológica acerca da utilização do cinema em videocassete como instrumento didático no ensino de história. Procuramos também levantar algumas questões referentes à introdução deste novo recurso didático em educação.

Este artigo tem por objetivo apresentar uma proposta metodológica de utilização do cinema em videocassete como recurso didático no ensino de história. Esta proposta e as reflexões que aqui procurarei desenvolver são consequência de minha prática docente em estabelecimentos do 1º, 2º e 3º graus. Algumas considerações serão feitas, algumas premissas apresentadas e algumas conclusões sugeridas, sempre com o intento de procurar incentivar um debate acerca da utilização do cinema em videocassete como instrumento didático que facilite o processo de ensino e aprendizagem e o torne mais atraente, crítico e criativo.

### Video e vida: algumas premissas

A cada dia que passa a influência da televisão na formação e na educação de milhares de seres humanos no planeta tem se tornado menos contestável. Essa influência pode ser explicada quando apresentamos alguns dados. Segundo a *Revista Espanhola de Opinião Pública* (Fascículo 36, abril-junho, 1974), 80% da informação assimilada por adolescentes espanhóis de 12 a 15

anos lhes chega através dos meios de comunicação de massa e da interação social, e apenas 20% através da escola. 93% das crianças na Espanha assistem diariamente a três horas de televisão. Aos sábados o tempo médio de audiência aumenta para 4 h 28 min e aos domingos para 3 h 37 min. No Brasil, segundo o Anuário Estatístico de 1986 — IBGE (publicado na revista *Imprensa*, dezembro, 1988), existiam cerca de 27.800.000 aparelhos de televisão contra 25.400.000 aparelhos de rádio. Por mais que possam ser relativizados, estes dados apontam para a constatação de que a presença da televisão na vida do homem contemporâneo não é residual e tampouco se restringe a uma elite econômica ou cultural.

No nosso entender a importância que os meios de comunicação de massa têm adquirido no mundo contemporâneo se insere dentro de um conjunto de alterações técnicas que estão igualmente modificando o dia-a-dia do homem. A automação industrial, a engenharia genética, a telecomunicação e a informatização da vida são alguns dos exemplos que compõem aquilo que Alvin Toffler<sup>1</sup> chamou de “terceira onda”,

Mc Luhan<sup>2</sup> de “era eletrônica” e Daniel Bell<sup>3</sup> classificou como “sociedade pós-industrial”. Modificações extremamente profundas que estão alterando o sistema produtivo, as relações de produção, de exploração e os hábitos sociais e culturais da humanidade. Joan Ferrez<sup>4</sup> afirma que é através dos meios de comunicação de massa que as novas gerações têm acesso à realidade. “Nossa visão de mundo, da história e do homem está intimamente ligada à visão que impõem os meios de comunicação de massa”, diz o autor.

Em uma sociedade que se transforma rapidamente, a educação deveria articular-se com o presente. Entretanto, seus objetivos, seus planejamentos pedagógicos, seus conteúdos e seus métodos de ensino continuam centrados no passado. O quadro negro e o giz precisam ter sua utilização redimensionada sob pena de a escola se tornar obsoleta. A linguagem verbal e escrita precisa receber da linguagem visual uma profunda e necessária revitalização.

#### Vídeo e educação

A colocação do videocassete na sala de aula tem esbarrado em obstáculos relacionados com as condições em que se encontra o ensino no Brasil contemporâneo. Em primeiro lugar, bastaria que fizéssemos referência ao montante de verbas destinadas à educação para notarmos as dificuldades mais concretas de introdução deste instrumento didático em nosso país. Além disso, é sempre bom lembrar que este novo recurso didático está sendo introduzido em uma escola, em geral, conservadora e autoritária. Com essas características a escola no Brasil não tem se mostrado muito sensível às alterações, mesmo que superficiais. No nosso entender, outro obstáculo para a introdução do vídeo na educação é o professor. Este, a cada ano que passa, tem sido mais desvalorizado profissionalmente. Talvez por isso ele também venha se desvalorizando enquanto educador. O que temos observado enquanto educador, em nossa prática cotidiana, são professores repetitivos, reproduzindo as mesmas aulas, os mesmos exercícios e provas há muitos anos — e impacientes —, sem sentir mais prazer no ato de educar. No nosso entender o professor deve criar condições para alterar essa situação ou reforçará sua desvalorização. Ao lado do engajamento da categoria na luta sindical, a introdução do cinema em videocassete na educação pode representar, para o educador, uma das vias para a retomada do interesse e da dignidade perdidos. É oportuno lembrar que o cinema em videocas-

te não é uma poção mágica, uma fórmula milagrosa que irá curar todos os males, principalmente aqueles vinculados à falta de estímulo do docente.

Um segundo conjunto de colocações contrárias à utilização do cinema em videocassete na educação afirma que o vídeo, introduzido na escola, acabará por substituir o professor. Dizem que a utilização do vídeo em educação reforçará o condicionamento e a passividade do educando. Que a escola deveria reforçar no aluno o hábito da leitura e escrita como concebidos atualmente. No nosso entender, a introdução do videocassete, como de todas as chamadas novas tecnologias na vida do homem, representa atualmente um caminho sem volta. Como pensar a vida do homem contemporâneo sem a televisão? Sem o computador, como funcionaria um banco? O vídeo e o computador estão sendo introduzidos na escola como na vida.

O que deve ser discutido é a maneira de utilizar estes recursos na educação. Os alunos, de diferentes classes sociais, chegam à escola sabendo decodificar a linguagem da imagem.

A questão essencial que se coloca para a utilização do cinema na educação é a filosofia que embasa sua utilização. Nesse sentido duas colocações se tornam pertinentes.

A primeira diz respeito às características do cinema em videocassete. De fácil manuseio e de baixo custo operacional, o cinema em videocassete apresenta uma linguagem que pode redimensionar a postura do educador: a linguagem da imagem. Queremos dizer com isso que a utilização do cinema em videocassete não é uma questão de recurso didático *strictu sensu*, mas principalmente um problema de linguagem. Sergei Eisenstein<sup>5</sup> dizia que o cinema parte da imagem para a emoção e da emoção para a idéia. No caso da educação a imagem levaria à emoção e esta motivaria o educando a buscar a informação. Em termos neurofisiológicos poderíamos complementar esta idéia, amparados nos estudos de Sperry, Hubel e Wiesel, ganhadores do prêmio Nobel de Medicina em 1981. Desta forma, a imagem em movimento, ao operar fundamentalmente com a emoção, trabalharia o hemisfério direito do cérebro, responsável pelo aspecto lúdico, artístico e criativo do cidadão. O hemisfério esquerdo, onde predomina o pensamento analítico e a lógica formal, estaria, segundo Mc Luhan<sup>6</sup> perdendo seu predomínio sobre a conduta humana, “graças aos meios de comunicação de massa da era eletrônica”. O educador ao introduzir o cinema em sua prática cotidiana es-

tará, ao nosso ver, estimulando o hemisfério direito do cérebro e abrindo possibilidades às diversas leituras que a imagem pode ter. Por exemplo, numa determinada imagem o aspecto x pode ter sido observado por um aluno enquanto outro detectou o aspecto y. Na dinâmica de sala de aula esta potencialidade da leitura da imagem gera, para o educador, mais um desafio: redimensionar sua postura pedagógica. Abrindo essa oportunidade, introduzida pela análise da imagem, o educador terá condições de coletivizar e democratizar a relação de poder que se estabelece entre ele, a informação e o aluno.

A segunda colocação diz respeito à relação do aluno com o saber. Como a linguagem da imagem desperta a curiosidade, aguça a observação e coletiviza a discussão em torno das informações que contém, possui as premissas básicas para inquietar e desperta o educando para saber mais, para pesquisar, para questionar.

A natureza do trabalho, assim, se alteraria em dois sentidos: primeiro por romper com a idéia de professor como único capaz de distribuir um saber pronto e acabado, segundo por abrir possibilidades para que o educando volte-se para novas formas de aquisição do saber.

Caberia, entretanto, fazer duas ressalvas. A primeira no sentido de resgatar a importância que o educador desempenha nesse processo de ensino-aprendizagem (o que não é uma particularidade da utilização do cinema na educação). A segunda que, antes de incentivar o educando à pesquisa, a linguagem cinematográfica tem muitas possibilidades de motivar o estudante a tomar contacto com o saber já sistematizado, pois atualmente nem este tem despertado interesse junto ao alunado.

### Vídeo e história

Partindo das premissas e das colocações acima referidas, gostaríamos então de fazer algumas colocações em torno da utilização do cinema em videocassete nas aulas de história.

O historiador deve partir do princípio de que o filme que aborda qualquer tema histórico está inevitavelmente apresentando a visão do diretor e do produtor acerca daquela tema. Por exemplo, um dos filmes que utilizo para trabalhar o tema do processo de emancipação política brasileira é *Independência ou morte*. Este filme apresenta cenas onde os escravos estão gordos e bem vestidos e outras que procuram valorizar a figura do "herói" no processo histórico. Estes exemplos demonstram como o diretor passa

sua visão histórica. Assim como em *Independência ou morte*, todos os filmes que abordam temas de relevância histórica apresentam o posicionamento historiográfico do diretor, e quanto a isto o professor e sua turma precisam estar atentos.

O videocassete apresenta uma série de recursos técnicos que, aliados às características da linguagem cinematográfica, podem ser utilizados na prática docente. Assim sendo, baseados em nossa experiência, conseguimos identificar três tipos de imagem que foram definidas da seguinte forma:

#### *Imagem parada — "quadro de época"*

Muitas vezes a câmara pára diante de um personagem, de algum objeto. A cena também pode ser interrompida pela pausa, que é um recurso presente no videocassete. Essa cena parada pelo diretor ou interrompida pelo professor ou algum aluno pode ser analisada enquanto um "quadro de época". Por exemplo: no início do filme *Xica da Silva*, quando o representante do rei de Portugal se aproxima do Arraial do Tijuco, a câmara de Cacá Diegues pára, por poucos segundos, na figura sofrida de um negro com uma espécie de corrente de ferro presa ao pescoço. Alguns segundos, sem movimento, sem palavra, mas com imagem. Imagem que representa uma época e que pode ser analisada pelo historiador e sua turma sob os mais diversos pontos de vista.

#### *Imagem em movimento — "gesto de época"*

Uma seqüência de cena com movimento mas sem palavra pode ser entendida como um "gesto de época". No filme *Gaijin*, por exemplo, existe uma cena ilustrativa: depois que a família japonesa já estava acomodada em seu novo habita, o personagem principal feminino se encontra lavando roupa próximo a um rio. Ela observa atentamente as outras mulheres de origem brasileira realizando o mesmo trabalho e se espanta, pois em sua cultura não se lava roupa daquela forma. Em seguida, o personagem representado pelo ator Antonio Fagundes procura gestualmente mostrar à nissei a maneira pela qual se lavava roupa naquela época e naquela região. O movimento sem a palavra representa, neste caso, uma cultura, uma região e uma época determinadas. Marcel Mauss<sup>7</sup> analisaria essa cena na perspectiva do que ele denomina "sociologia do gesto".

#### *Movimento e palavra — "discurso de época"*

O movimento associado à palavra tem sido,

dentro da mesma lógica conceitual, denominada por nós como “discurso de época”. Nesse caso as perspectivas de análise se multiplicam, na medida que ao quadro e ao gesto de época se soma a palavra e sua infinita investigação. Poderíamos, por exemplo, fazer referência ao filme *Prá frente Brasil*, quando, em determinado momento, um casal de militantes de esquerda, dos anos 70, se comunica utilizando nomes diferentes dos de registro de nascimento, fazendo alusão à conjuntura de repressão e às medidas de segurança adotadas por diversas organizações de esquerda da época.

A metodologia que venho utilizando na introdução do cinema em videocassete na minha prática docente tem se pautado por quatro características básicas:

1. Não tenho privilegiado filmes documentários ou demasiadamente romanceados. O primeiro, por falar por si e não trabalhar o aspecto lúdico que desperta a curiosidade. O segundo, por se pautar demasiadamente no aspecto psicológico, apresentando uma problemática de escasso conteúdo histórico.

2. Tenho privilegiado filmes romanceados e ao mesmo tempo de forte conteúdo histórico.

3. Antes de iniciar a exibição do filme, procuro preparar a turma para assisti-lo de forma participativa. Não quero dizer com isso que todos os aspectos abordados antes da exibição sejam exemplificados durante ela. Essa contextualização visa introduzir a exibição do filme ao programa e ao currículo regular e apresentar ao aluno o tema ou a época a que o filme faz referência.

4. Baseado nos conceitos “quadro, gesto e discurso de época”, tenho trabalhado com cinema em videocassete interrompendo a exibição do filme. A interrupção ocorre quando o professor ou algum aluno deseja. Aquela cena parada, em movimento ou com palavra, merece, segundo algum elemento da turma, ser interrompida, para

a necessária reflexão. Com isso a idéia deturpada de que “hoje não tem aula, é filme”, expressa por alguns alunos, tende a diminuir. A exibição adquire um outro caráter. Sempre que necessário uma cena pode ser repetida. Assim, progressivamente, os pontos de conteúdo vão sendo analisados e associados às imagens apresentadas. Com este método o filme de longa metragem dura inevitavelmente mais do que uma aula de 50 minutos. Apesar disso, a exibição em sua continuidade e totalidade não fica comprometida, pois assim que se retoma o filme os alunos lembram, melhor que o professor, onde exatamente o filme fora interrompido na última aula.

Gostaria de deixar claro, mais uma vez, que este artigo não pretende ser conclusivo, mas sim sistematizar algumas das questões que vêm se colocando sobre a utilização do vídeo na sala de aula e ao mesmo tempo contribuir com esta discussão, apresentando uma metodologia que vem sendo desenvolvida.

#### Notas e referências

1. A. Toffler — *A terceira onda*. Record, Rio de Janeiro (1980)
2. M. Mc Luhan — *Guerra e paz na aldeia global*. Record, Rio de Janeiro (1971).
3. D. Bell — *O advento da sociedade pós-industrial, uma tentativa de previsão social*. Cultrix, São Paulo (1977).
4. J. i P. Ferrez — *Vídeo y educación*. Editorial Laia, Barcelona (1988)
5. S. Einsenstein — *Memórias imorais. Uma autobiografia*. Companhia das Letras, São Paulo (1987).
6. M. Mc Luhan — *Revolução na comunicação*. Zahar, Rio de Janeiro (1974).
7. M. Mauss — *Sociologia e antropologia*. Edusp, São Paulo (1974)

Artigo recebido em 3/mar/89

Aceito para publicação em 11/abr/89

#### Autor

André de Faria Pereira Neto — professor auxiliar de História do Brasil, Departamento de Estudos Sociais, Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro, RJ